

O bem com-viver à luz da ecoteologia

Luis Ramiro Loza Márquez¹

Resumo: Este artigo nos transporta para um mundo em que os desafios ambientais não são apenas questões técnicas, mas também fundamentais para nossa espiritualidade, moralidade e bem-estar. A ecologia integral, a ecoteologia e a visão do *Suma Qamaña* aymara nos convidam a reconectar com a natureza, com a nossa espiritualidade e uns com os outros. Esses três pilares, como explorados neste ensaio, oferecem uma base para forjar um presente e futuro sustentável e significativo. Eles nos lembram que a crise ambiental é, em última instância, uma crise da humanidade e de suas escolhas, impelindo-nos a agir em benefício de um mundo mais harmonioso e equilibrado.

Palavras-chave: Ecologia Integral. Ecoteologia. Bem Viver. Suma Qamaña.

Abstract: This article transports us to a world in which environmental challenges are not only technical issues, but also fundamental to our spirituality, morality and well-being. Integral ecology, ecotheology and the vision of the Aymara Suma Qamaña invite us to reconnect with nature, with our spirituality and with each other. These three pillars, as explored in this essay, offer a basis for forging a sustainable and meaningful present and future. They remind us that the environmental crisis is ultimately a crisis of humanity and its choices, impelling us to act for the benefit of a more harmonious and balanced world.

Keywords: Integral Ecology. Ecotheology. Good Living. Suma Qamaña.

INTRODUÇÃO

De onde parte esta reflexão? Do nosso contexto ambiental. Qual é esse contexto? Só para dar alguns aspectos, olhemos o seguinte. Os oceanos, repletos de vida e mistério, nas últimas décadas sofrem mais do que nunca com o peso da exploração humana. As águas, que deveriam ser um símbolo de abundância e vitalidade, tornaram-se campos de batalha, como na Bolívia, no ano 2000, quando houve a guerra pela água contra o sistema neoliberal que privatizava o sistema de água potável e teve aumentos altíssimos das tarifas. Na década dos anos 2000, houve vários quadros similares em vários países do continente africano, como na África do Sul, onde aconteceu o mesmo, com altas de custo da água provocando enfrentamentos sociais. Vários países da região suburbana nesse continente enfrentam desafios importantes relacionados à água. Na Cisjordânia, houve a disputa sobre os recursos hídricos, dando mais uma razão para enfrentamentos entre Israel e Palestina. Na Índia, há conflitos

¹ Trabalho resultante de pesquisa realizada no programa de Iniciação Científica da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, no período de 1/9/22 a 31/8/23, com bolsa do CNPq, sob a orientação do professor Dr. Afonso Tadeu Murad, inserida no projeto de pesquisa Ecoteologia: singularidade, temas relevantes, perspectivas. E-mail: rlozamarquez@gmail.com

pela água em várias regiões, sendo uma constante entre Karnataka e Tamil Nadu pelo rio Cauvery. Na Síria, antes da guerra civil, houve secas prolongadas que aguçaram as tensões sociais. Estes são apenas alguns exemplos. A água é uma questão crítica de conflito em vários lugares do mundo. A escassez de água, as mudanças climáticas e o aumento da demanda por água potável são questões que provavelmente continuarão a desempenhar um papel importante nas relações globais e nos conflitos regionais.

E o que dizer sobre a contaminação da água? É uma ameaça constante. Imaginemos, por um momento, um oceano desprovido de sua beleza e riqueza natural. Imagine peixes sufocados por resíduos plásticos, ecossistemas marinhos devastados pela poluição e praias outrora intocadas transformadas em depósitos de detritos. Empresas com poluição industrial, como a mineração ou têxteis, que despejam seus resíduos tóxicos nos rios, transformando-os em caminhos de morte em vez de oásis de vida. Os vazamentos de oleodutos como ameaças constantes para os rios.

Também pensemos na nossa terra, na nossa casa grande. Imaginemos as florestas majestosas, o som de milhares de pássaros e a maior biodiversidade de animais, incluindo comunidades indígenas que convivem com todo esse universo. Mas, agora, ouvimos os rugidos de motosserras e tratores, madeireiras que desmontam a floresta, acompanhada pelo crepitar das chamas nos incêndios florestais. O resultado? Árvores centenárias caem ou se queimam, uma após a outra, à medida que a ganância desenfreada pelos recursos naturais impulsiona o desmatamento. O que antes eram paraísos verdes agora se tornaram cicatrizes na paisagem, não apenas privando as florestas e a biodiversidade de sua vida, mas também prejudicando o oxigênio do planeta. Estima-se uma perda de 10 milhões de hectares em diferentes regiões do mundo devido a incêndios florestais em 2019. E nos oceanos, há milhões de toneladas de plástico e lixo dispersos pelo mundo. Isso faz parte do nosso contexto ambiental. Mas são apenas algumas peças do quebra-cabeça, ou poucas pinceladas da figura de um quadro completo da nossa crise ambiental: “A crise ambiental é uma crise da humanidade e de suas escolhas. Precisamos dar o salto dos sintomas para suas causas” (Murad, 2019, p. 67).

Agora imaginemos um mundo onde as questões ambientais não são apenas desafios técnicos, mas também profundamente enraizadas em nossa espiritualidade, moralidade e bem-estar. Esse é o mundo para o qual a ecologia integral, a ecoteologia e as visões do Bem-Viver nos convidam a explorar. Não apenas como disciplina acadêmica, mas como um convite que nos leva a reconectar com a natureza, com a nossa espiritualidade e uns com os outros. Neste ensaio, iremos explorar esses três eixos: Ecologia Integral, Ecoteologia e centrando-nos na experiência do *Suma Qamaña* aymara, vendo como a partir da ecoteologia podemos nos inspirar a moldar um urgente presente e futuro sustentável e significativo.

1 ECOLOGIA INTEGRAL

Para compreender a Ecoteologia, é fundamental começar com uma sólida compreensão do que é Ecologia. De acordo com Murad, a Ecologia é o estudo das relações ecológicas,

interdependências e interações entre os seres vivos e seu ambiente. Essa definição enfatiza que a Ecologia não se limita ao estudo isolado de seres bióticos e abióticos, mas busca entender as complexas relações que sustentam a vida na Terra. A Ecologia é, portanto, um “saber de saberes” que reconhece a importância das interconexões em toda a teia da vida (Murad, 2022, pp. 63-65). Em suma, em que sentido podemos compreender a Ecologia Integral? Para responder esta pergunta vamos abordar a Encíclica do Papa Francisco *Laudato Si'* (LS).

1.1 ECOLOGIA INTEGRAL NA LAUDATO SI'

O termo “ecologia” tem uma evolução ao longo do tempo e se tornou um tema relevante para toda a humanidade. A ecologia integral aborda a relação entre o ser humano e o meio ambiente, envolvendo aspectos de saúde, estilo de vida, opções de consumo e implicações políticas e econômicas em diferentes níveis.

A ecologia estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem. E isto exige sentar-se a pensar e discutir acerca das condições de vida e de sobrevivência duma sociedade, com a honestidade de pôr em questão modelos de desenvolvimento, produção e consumo (LS 138).

Murad (2022) menciona a origem do termo “ecologia integral” nas ciências sociais na década de 1970 e como ele se tornou relevante nas igrejas cristãs, resultando em ética e espiritualidade. A Encíclica LS do Papa Francisco, nesse sentido, desempenha um papel fundamental na promoção da ecologia integral, com a mensagem de cuidar da “casa comum” e unir a humanidade em busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois para o Papa Francisco:

Nunca é demais insistir que tudo está interligado. O tempo e o espaço não são independentes entre si; nem os próprios átomos ou as partículas subatômicas se podem considerar separadamente. Assim como os vários componentes do planeta – físicos, químicos e biológicos – estão relacionados entre si, assim também as espécies vivas formam uma trama que nunca acabaremos de individuar e compreender (LS 138).

Por isso o ponto central da Encíclica em vários capítulos é abordar questões relacionadas à ecologia integral, como a relação entre os pobres e a fragilidade do planeta, a interligação de todos os aspectos do planeta, a crítica à tecnologia, a necessidade de repensar a economia e o progresso, entre outros. Em palavras de Francisco:

Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise sócio-ambiental. As directrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza (LS 139).

O Papa Francisco nos oferece uma reflexão sobre a ecologia integral que aborda a interconexão inegável entre a crise ambiental e a crise social. Ele nos lembra que essas duas crises não podem ser tratadas separadamente, pois são, uma única e complexa crise sócio-ambiental. Essa perspectiva nos desafia a não apenas considerar as questões ambientais isoladamente, mas a reconhecer que a degradação do meio ambiente está intrinsecamente ligada à pobreza, à exclusão social e à perda de dignidade humana. A abordagem integral preconizada pelo Papa Francisco nos exorta a agir de maneira holística, quer dizer, abordando simultaneamente as dimensões ambientais e sociais de nossos desafios contemporâneos. De todo esse esforço da reflexão do Papa Francisco ressalta a importância de não apenas cuidar da natureza e proteger nosso planeta, mas também de combater a desigualdade, promover a justiça social e garantir que todos tenham acesso aos recursos necessários para viver com dignidade. É um chamado urgente para reconhecer que a exploração desenfreada da natureza tem consequências diretas sobre a vida das pessoas, especialmente as mais vulneráveis. Nessa linha o Papa continua dizendo:

o crescimento económico tende a gerar automatismos e a homogeneizar, a fim de simplificar os processos e reduzir os custos. Por isso, é necessária uma ecologia económica, capaz de induzir a considerar a realidade de forma mais ampla. Com efeito, “a protecção do meio ambiente deverá constituir parte integrante do processo de desenvolvimento e não poderá ser considerada isoladamente”. [...] Há uma interacção entre os ecossistemas e entre os diferentes mundos de referência social e, assim, se demonstra mais uma vez que “o todo é superior à parte” (LS 141).

Aqui tem uma nova ênfase, a necessidade de uma ecologia econômica que se oponha aos automatismos e à homogeneização frequentemente associados ao crescimento econômico. O crescimento econômico busca simplificar processos e reduzir custos, mas frequentemente negligencia as consequências ambientais e sociais desse enfoque simplificador. Uma ecologia econômica, destacada pelo Papa, desafia essa abordagem ao incentivar uma visão mais ampla da realidade. Ela defende que a proteção do meio ambiente deve ser intrinsecamente integrada ao processo de desenvolvimento econômico. Em outras palavras, a sustentabilidade ambiental não pode ser considerada isoladamente; em vez disso, deve ser uma parte integral do desenvolvimento econômico. O Papa Francisco também ressalta a interconexão entre ecossistemas e diferentes contextos sociais. Ele nos lembra que os ecossistemas não existem isoladamente, mas estão interligados, e a mesma lógica se aplica à sociedade. Essa visão reforça o princípio de que o todo é maior do que a soma de suas partes. Ou seja, para abordar adequadamente os desafios ecológicos e econômicos, precisamos reconhecer a complexa rede de relações que existe entre todos os elementos.

Portanto, a ecologia econômica recomendada pelo Papa Francisco nos convida a repensar o crescimento econômico de forma a considerar não apenas os lucros e a eficiência, mas também os impactos ambientais e sociais. Ela nos desafia a adotar uma abordagem

holística e integrada do desenvolvimento, na qual a proteção do meio ambiente e a promoção do bem-estar social caminham lado a lado, reconhecendo que o futuro sustentável da humanidade depende disso. Nesse sentido tudo está interligado, em palavras de Francisco:

Se tudo está relacionado, também o estado de saúde das instituições duma sociedade tem consequências no ambiente e na qualidade de vida humana: “toda a lesão da solidariedade e da amizade cívica provoca danos ambientais”. Neste sentido, a ecologia social é necessariamente institucional e progressivamente alcança as diferentes dimensões, que vão desde o grupo social primário, a família, até à vida internacional, passando pela comunidade local e a nação. Dentro de cada um dos níveis sociais e entre eles, desenvolvem-se as instituições que regulam as relações humanas. Tudo o que as danifica comporta efeitos nocivos, como a perda da liberdade, a injustiça e a violência. Vários países são governados por um sistema institucional precário, à custa do sofrimento do povo e para benefício daqueles que lucram com este estado de coisas (LS 142).

O Papa Francisco ressalta a interconexão entre o estado de saúde das instituições de uma sociedade, a qualidade de vida humana e o ambiente. Argumenta-se que qualquer dano à solidariedade e à amizade cívica tem consequências ambientais prejudiciais. Em outras palavras, a falta de coesão social e de justiça tem impactos negativos no meio ambiente e na qualidade de vida das pessoas. Essa perspectiva aponta para a necessidade de uma ecologia social, que vai além das questões ambientais e abrange a saúde das instituições em diferentes níveis. A ecologia social é vista como uma dimensão institucional que se estende desde o nível mais básico, como a família e a comunidade local, até o âmbito internacional e às nações. Dentro de cada um desses níveis sociais e em suas interações, existem instituições que regulam as relações humanas. Qualquer ação que prejudique essas instituições tem efeitos nocivos, incluindo a perda de liberdade, injustiça e violência. Pois nesse sentido tudo está interconectado.

Além disso, o Papa critica sistemas institucionais que perpetuam o sofrimento das pessoas em prol daqueles que se beneficiam dessa situação. Ele chama a atenção para a importância de sistemas institucionais justos e eficazes que promovam a solidariedade e a amizade cívica, não apenas para o bem-estar humano, mas também para a proteção do meio ambiente. Em última análise, essa passagem sublinha a necessidade de abordar as questões ambientais como parte de um quadro mais amplo de justiça social e institucional, reconhecendo que tudo está relacionado na busca por um mundo mais sustentável e harmonioso. É por tudo isso que o Papa Francisco enfatiza a importância de uma conversão ecológica, envolvendo atitudes e práticas que levem a um novo estilo de vida que saiba integrar o aspecto ecológico e espiritual, baseado na fé.

1.2 DEFINIÇÃO DE ECOLOGIA INTEGRAL

O Papa Francisco no capítulo IV da encíclica apresenta o conceito de “Ecologia Integral” e destaca três componentes essenciais: 1) ecologia ambiental, econômica e social; 2) ecologia cultural; e 3) ecologia da vida cotidiana. Esta abordagem holística compreende a interconexão entre os aspectos ambientais, econômicos e sociais na crise global que enfrentamos.

Convém recordar que os ecossistemas intervêm na retenção do anidrido carbónico, na purificação da água, na contraposição a doenças e pragas, na composição do solo, na decomposição dos resíduos, e muitíssimos outros serviços que esquecemos ou ignoramos (LS 140).

A ecologia ambiental, econômica e social (LS 138-142) aborda a necessidade de considerar as relações entre os sistemas naturais e sociais. Isso não se limita apenas a preservar a natureza, mas também a estabelecer processos sustentáveis que respeitem os ciclos de matéria e energia no planeta. No componente da ecologia cultural (LS 143-146), o Papa enfatiza a influência das culturas na forma como as sociedades interagem com o meio ambiente. Reconhece a importância de entender como a cultura configura nossas atitudes em relação à natureza. Por último, a ecologia da vida cotidiana (LS 147-155) ressalta como as escolhas individuais e o estilo de vida têm um impacto significativo na sustentabilidade do planeta. Aqui, a Encíclica destaca que as decisões cotidianas, como as escolhas de consumo, desempenham um papel vital na proteção do meio ambiente.

É preciso cuidar dos espaços comuns, dos marcos visuais e das estruturas urbanas que melhoram o nosso sentido de pertença, a nossa sensação de enraizamento, o nosso sentimento de “estar em casa” dentro da cidade que nos envolve e une. É importante que as diferentes partes duma cidade estejam bem integradas e que os habitantes possam ter uma visão de conjunto em vez de se encerrarem num bairro, renunciando a viver a cidade inteira como um espaço próprio partilhado com os outros (LS 151).

A LS estabelece uma conexão fundamental entre a ecologia integral e o princípio do bem comum e a opção preferencial pelos pobres (LS 156-158). O cuidado com o meio ambiente está intrinsecamente ligado ao cuidado das pessoas mais vulneráveis da sociedade. O Papa ressalta que a ecologia integral tem um compromisso com as futuras gerações, pois é a nossa tarefa reconhecer nosso dever de deixar um planeta habitável para as gerações vindouras.

Nas condições actuais da sociedade mundial, onde há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres (LS 158).

A abordagem da ecologia integral na LS representa um apelo à compreensão holística do meio ambiente e da sociedade, reconhecendo que todos os aspectos da vida estão intrinsecamente interligados. Essa visão é fundamental para a construção de um mundo sustentável e justo para as gerações presentes e futuras (LS 159-162).

Em síntese, o Papa Francisco desenvolve um horizonte extenso, significativo e articulado. Mostra que o cuidado com a casa comum não é somente uma questão ambiental. A ecologia está constituída por um contexto vivo. As pedras angulares são o cuidado da grande casa (a terra que sustenta a vida do planeta) e a justiça social. A elas se associam as culturas vivas dos povos e a qualidade de vida humana, especialmente no crescente contexto da cultura urbana. Tudo isso tem profundos laços com um tema central e gerador do Magistério Social da Igreja: o bem comum. Por fim, a busca do bem comum se estende para além do presente, postulando a solidariedade intergeracional, sem deixar de lado o aspecto econômico.

Até este ponto, estamos vendo que a Ecologia Integral não apenas enfrenta os desafios ambientais atuais, mas também procura integrar uma profunda dimensão espiritual na nossa relação com o ambiente. No entanto, como podemos compreender a relação intrínseca entre a Ecologia Integral e a Ecoteologia? É fundamental reconhecer que tudo o que a Ecologia Integral se propõe a abordar, seja a proteção do meio ambiente ou a promoção da justiça social, faz parte integrante da Ecoteologia. A Ecoteologia compartilha dos desafios da Ecologia Integral, mas o faz a partir de uma perspectiva enraizada na espiritualidade e na teologia, considerando que a ligação entre a humanidade e a natureza vai além do simples aspecto ecológico. Portanto, podemos afirmar que a Ecoteologia não apenas abraça, mas também amplia a visão da Ecologia Integral, promovendo uma compreensão mais profunda e espiritual das questões ambientais.

2 ECOTEOLOGIA

A ecoteologia surge como uma disciplina que responde à premente necessidade de abordar os desafios ambientais sob uma perspectiva integral incluindo a fé e espiritualidade da pessoa. Essa abordagem interdisciplinar une os campos da ecologia e da teologia, resultando em uma visão holística das relações entre a humanidade e a natureza lidas desde a fé religiosa. Autores brasileiros como Leonardo Boff ou Afonso Murad, entre muitos outros, tentam fazer uma ponte entre a Ecologia e fé cristã. Nós compreendemos esse esforço como Ecoteologia.

De forma breve, diz-se que ela [a Ecoteologia] é a reflexão de fé (teologia) em relação às diversas faces da ecologia, como: ciência, práticas sustentáveis e a nova compreensão do ser humano como membro da Terra. A relação fecunda entre a teologia e a ecologia integral requer o cultivo da espiritualidade e a elaboração de um saber próprio (Murad, 2022, p. 169).

A ecoteologia parte do princípio de que toda a criação, inclusive a humanidade, é parte intrincada de um sistema interconectado. O reconhecimento dessa interdependência é crucial para alcançar uma verdadeira saúde e equilíbrio. Além disso, a ecologia integral que parte da esfera da ecoteologia enfatiza que a sustentabilidade ambiental não pode ser alcançada sem considerar os aspectos sociais, econômicos e espirituais da vida humana. “Cada vez mais, os equilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas, éticas e políticas, para reparar os danos causados contra a biosfera e assegurar o futuro da nossa espécie no planeta” (GUATTARI, 2001, p. 52).

2.1 ECOLOGIA INTEGRAL E A ECOTEOLOGIA

Leonardo Boff é um dos principais expoentes da ecoteologia. Em sua obra *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres* (2004), Boff argumenta que os problemas ecológicos e de justiça social estão intrinsecamente interligados. Ele critica o modelo de desenvolvimento baseado no crescimento econômico desenfreado, que ignora os limites do planeta, e propõe uma abordagem mais sustentável e equitativa. Boff advoga por uma ecologia que esteja consciente da realidade social, buscando soluções que beneficiem toda a humanidade, especialmente para os mais vulneráveis.

Boff afirma que a ecologia não se limita ao estudo de seres vivos e não vivos isoladamente, mas concentra-se nas relações, interconexões e interdependência entre todos os sistemas da vida e seu ambiente. A ecologia é vista como um “saber de relações”, um entendimento das conexões entre os objetos de conhecimento.

a ecologia é um saber de relações, interconexões, interdependências e intercâmbios de tudo com tudo em todos os pontos e em todos os momentos. [...] Não é um saber de objetos de conhecimento, mas de relações entre os objetos de conhecimento. Um saber de saberes, entre si relacionados (BOFF, 2004, p. 17).

Boff enfatiza que a ecologia não se restringe à preservação das matas e das espécies, mas evolui para uma crítica à civilização atual, que consome energia e desestabiliza os ecossistemas. Ele promove a ideia de que a ecologia é mais do que um movimento de conservação; é uma oportunidade de redenção para o ser humano e o ambiente.

Além disso, Boff destaca a emergência do “paradigma da comunidade planetária” que reconhece a Terra como um organismo dinâmico e complexo com identidade e autonomia.

No paradigma emergente, ao lado da razão instrumental, valoriza-se a razão simbólica e cordial; usa-se todos os nossos sentidos corporais e espirituais. Somos razão (logos) e afetividade (pathos), desejo (eros), paixão, comoção, comunicação e atenção para a voz da natureza que fala em nós (daimon). Conhecer não é somente uma forma de dominar a realidade, mas também de entrar em comunhão com os outros seres (BOFF, 2004, p. 29).

Esse paradigma valoriza não apenas a razão instrumental, mas também a razão simbólica e cordial, utilizando todos os sentidos corporais e espirituais. A ecologia integra razão e afetividade, desejo e paixão, comunicação e atenção à voz da natureza. Boff também menciona a importância da “ecologia interior” e sua ligação com a “cultura do cuidado”. A consciência ecológica está intrinsecamente ligada à ideia de cuidado, que é fundamental para a emergência de uma sociedade sustentável.

O autor destaca a relação entre ecologia e espiritualidade, enfatizando que a ecologia não deve ser limitada por abordagens economicistas. Ele define a sustentabilidade como ação voltada para a manutenção das condições que sustentam a vida e para atender às necessidades das gerações presentes e futuras, sem prejudicar o capital natural. Aqui associa-se essa visão da ecologia com a ecoteologia, na qual a graça de Deus penetra nas realidades do cosmos e da história humana, sem adotar um panteísmo, mas sim um panenteísmo (BOFF, 2004). Quando Leonardo Boff menciona que Deus penetra nas realidades do cosmos e da história humana sem adotar o panteísmo, mas sim o panenteísmo, ele está descrevendo a visão de que Deus está presente em todas as coisas, incluindo o universo e a experiência humana. Contudo, ele não acredita que o universo seja a totalidade de Deus, pois Deus transcende o universo. Em vez disso, ele vê Deus como uma realidade divina que é tanto imanente (presente em tudo) quanto transcendente (maior do que tudo). Essa abordagem busca equilibrar a compreensão da presença de Deus em todas as coisas com a noção de que Deus é maior do que a soma de todas as partes do universo.

Em conclusão, seguindo Murad, podemos dizer que Leonardo Boff é o fundador da ecoteologia latino-americana ampliando o conceito de ecologia, enfatizando suas dimensões de relações, interconexões e interdependências. Ele ressalta a importância do cuidado, da ecologia interior, da ecoespiritualidade e do novo paradigma da comunidade planetária, que considera a Terra como um organismo vivo com o qual os seres humanos têm uma profunda conexão. A ecoteologia de Boff une esses conceitos e os relaciona com a redenção do mundo em Deus.

Por outro lado, Afonso Murad também traz contribuições significativas para o campo da ecoteologia. Por exemplo, no texto “A Ecologia Integral Na Laudato Si - Caminhos Abertos” (2017), Murad explora a dimensão espiritual da crise ecológica. Ele argumenta que, para enfrentar eficazmente os problemas ambientais, é necessário não apenas modificar nossas ações, mas também nossa forma de pensar e experimentar o mundo. Murad propõe uma espiritualidade que reconheça a sacralidade de toda a criação e promova uma relação harmoniosa entre a humanidade e a Terra. Também na obra de *Janelas abertas: fé cristã e ecologia integral* (2022), ele desenvolve esta relação íntima entre a Ecologia Integral e a Ecoteologia.

No capítulo 4 de *Janelas Abertas* o autor explora de que modo a ecologia é considerada “integral”. Ele começa observando que o termo “integral” na língua portuguesa carrega vários significados relacionados entre si. Em diferentes contextos, “integral” pode significar algo completo, íntegro, saudável, ético, comunitário, plural e aglutinador. Em palavras do autor:

No campo ético, o adjetivo “íntegro” caracteriza a pessoa sincera, transparente, que mantém suas convicções, não se deixa levar pela corrupção ou qualquer outro tipo de assédio do mal. Já o verbo “Integrar” deriva do latim *integrare*, que quer dizer: ato ou efeito de tornar inteiro o que está separado, fragmentado ou dividido. Pode significar ainda: aglutinar, unir, juntar, compor. Na língua portuguesa, o verbo pronominal “integrar-se” significa: passar a fazer parte de uma coletividade; sentir-se membro de determinado grupo. Ou, ainda, ligar-se a um coletivo, de modo a constituir um conjunto fortalecido (Murad, 2022, p. 111).

Em contraposição, integral ou íntegro se opõe a algo parcial, restrito, unidimensional e eticamente questionável. O autor ressalta que a ecologia integral não se limita apenas à preservação da natureza, mas vai além disso. Envolve a criação de processos sustentáveis que respeitam os ciclos de matéria e energia na Terra. Além disso, a ecologia integral não se restringe apenas à natureza “lá fora”, mas também engloba a interdependência entre os seres humanos e a comunidade de vida do planeta, incluindo os ecossistemas.

Murad também diz que o Papa Francisco, na Encíclica *LS* reconhece essa interdependência e afirma que os problemas atuais exigem uma abordagem que leve em consideração todos os aspectos da crise global. Ele propõe uma reflexão sobre os diferentes elementos de uma ecologia integral, que inclua as dimensões humanas e sociais.

Além disso, Murad diz que ecologia integral, portanto, abrange não apenas a dimensão ambiental, mas também a econômica e social. Isso implica considerar as relações humanas, incluindo as questões econômicas, como a extração, produção, consumo e descarte de produtos e serviços. A ecologia integral busca unir conhecimentos fragmentários em uma visão mais ampla da realidade, superando a visão analítica e monofocal de cada ciência (Murad, 2022, p. 111-114).

No geral, a ecologia integral busca uma compreensão holística e uma ação que leve em consideração a totalidade das relações entre os seres humanos, a natureza e a sociedade, visando o bem-estar de ambos.

Em conclusão, para Leonardo Boff e Afonso Murad, a ecoteologia, em sua abordagem integral, busca superar a dicotomia entre o ser humano e a natureza. Reconhece que somos partes intrínsecas da biodiversidade e que nossas ações têm impacto direto nos ecossistemas que nos cercam. Além disso, atribui um valor intrínseco a esses ecossistemas, defendendo que eles merecem respeito e proteção por si mesmos. Sob essa perspectiva, a ecoteologia advoga por práticas e políticas que promovam a conservação da biodiversidade, a justiça social e a equidade, destacando que a sustentabilidade não é apenas uma questão técnica, mas também ética e espiritual. Busca estabelecer uma relação harmoniosa e respeitosa entre a humanidade e a Terra, permitindo que satisfaçamos nossas necessidades sem comprometer a capacidade das gerações futuras de fazer o mesmo.

2.2 ECOTEOLOGIA: UMA VISÃO HOLÍSTICA DA FÉ CRISTÃ E DA ECOLOGIA

A Ecoteologia é uma disciplina que tem ganhado destaque nas últimas décadas. Esta disciplina é o resultado do encontro da reflexão teológica com a crescente consciência ecológica. Ela procura reinterpretar e reconstruir elementos da fé cristã à luz das preocupações ecológicas contemporâneas. Vários teólogos e teólogas contribuíram para o desenvolvimento da Ecoteologia, cujo termo foi popularizado por David G. Hallman, ex-presidente do Conselho Mundial das Igrejas (Murad, 2022, p. 179).

A base da Ecoteologia reside na interligação entre a teologia e a crescente conscientização ecológica que permeou não apenas o campo teológico, mas também diversas áreas do conhecimento e da sociedade. Essa interseção possibilita uma análise crítica dos valores culturais, crenças e atitudes que alimentam a crise ecológica e, simultaneamente, promove uma atualização ecológica do cristianismo, incorporando sensibilidades ecológicas nas práticas e ensinamentos cristãos.

Essa disciplina aborda uma série de aspectos fundamentais, tais como a redefinição do domínio humano sobre a criação. Segundo Murad, a Ecoteologia promove uma interpretação mais ampla e responsável da tarefa humana de administrar o mundo, enfatizando o cultivo e a proteção em detrimento de uma visão de exploração ilimitada. Essa abordagem se reflete na busca por novas metáforas e conceitos que expressam a relação entre Deus e todas as criaturas, reconhecendo o valor intrínseco de cada ser, todos originados de Deus. Além disso, a Ecoteologia envolve a análise crítica de paradigmas bíblicos e tradições teológicas que vão além do dualismo e da estratificação hierárquica dos seres. Ela inspira práticas ecológicas sustentáveis e promove uma compreensão holística e integrada da fé cristã, incorporando preocupações ecológicas em suas reflexões e práticas.

Em resumo, a Ecoteologia não apenas critica os valores e as práticas que contribuem para a crise ecológica, mas também trabalha ativamente para reconstruir e atualizar o cristianismo à luz das preocupações ambientais. Ela reconhece que a fé cristã deve se alinhar com a responsabilidade de cuidar da criação e que as ações individuais e coletivas são igualmente importantes nesse esforço (Boff, 2004; Murad 2022).

A Ecoteologia e a Ecologia Integral abrem as portas para uma compreensão mais profunda das interconexões entre a fé, a ecologia e o bem-estar da humanidade e da Terra. Quando exploramos ainda mais esse diálogo entre a espiritualidade e a sustentabilidade, encontramos o conceito andino do “*Suma Qamaña*” ou “Bem Viver”.

O *Suma Qamaña* é uma filosofia de vida profundamente enraizada nas culturas indígenas andinas, que enfatiza a harmonia entre seres humanos e a natureza, reconhecendo a Terra como um ser vivo com o qual devemos coexistir de maneira equilibrada. Essa abordagem ressoa com os princípios da Ecoteologia e da Ecologia Integral, pois busca não apenas preservar o meio ambiente, mas também nutrir uma relação espiritual e culturalmente enriquecedora com a Terra. Por isso, agora convido a explorar o conceito de Bem Viver, seus

princípios e como eles podem se relacionar com as perspectivas anteriores na busca por uma compreensão mais holística de nossa existência.

3 SUMA QAMAÑA

Para explorar adequadamente o conceito de Bem Viver, é fundamental reconhecer que existem várias perspectivas culturais, sendo nosso foco a visão do *Suma Qamaña*, oriunda da filosofia aymara boliviana. Esta filosofia, que promove a harmonia entre seres humanos, natureza e cosmos, é uma resposta a uma cultura de consumo excessivo. Ela desafia a violência inerente à globalização neoliberal e oferece uma alternativa intercultural que valoriza a diversidade. Neste contexto, buscamos integrar a Ecoteologia como uma lente teológica para promover práticas ecológicas na esfera pastoral.

Na Bolívia, o desenvolvimento é um processo que abraça as diversas identidades do país, fortalecendo as visões dos povos indígenas. Isso se traduz em um maior foco na harmonia com o meio ambiente, na administração sustentável dos territórios e dos recursos naturais, na promoção e exercício da autoridade, bem como no respeito aos valores e direitos indígenas. Essa abordagem abrange direitos culturais, econômicos, sociais e institucionais, respeitando a cosmovisão e estruturas de governança dessas comunidades.

Segundo Sichra, o conceito de Bem Viver está fundamentado nos princípios de equidade, integralidade, reciprocidade e solidariedade. “Em essência, busca-se estabelecer as bases para que os povos indígenas e seus membros possam desfrutar de bem-estar e crescer em harmonia com o ambiente que os cerca, aproveitando o potencial dos bens culturais e sociais que possuem” (Sichra, 2009, p. 59).

Esse compromisso com o desenvolvimento sustentável e a valorização das perspectivas indígenas ressoa profundamente nas iniciativas da Bolívia, criando condições em que o progresso está em sintonia com o meio ambiente e reconhecendo a riqueza de suas heranças culturais e sociais, como está registrado na própria Constituição do Estado.

3.1 VISÃO DO BEM VIVER NA CONSTITUIÇÃO DA BOLÍVIA

Para compreender a trajetória que culminou na inclusão da visão do Bem Viver na Constituição boliviana, é essencial remontar à sua origem. Tudo começou com o “Convênio 169” da ONU, que reconheceu os direitos coletivos dos Povos Indígenas e Tribais. Em 2007, a Declaração dos Direitos desses povos foi aprovada nas Nações Unidas. No mesmo ano, o conceito do *Suma Qamaña* foi apresentado à Assembleia Constituinte com o propósito de ser incorporado como um princípio filosófico na Constituição Política do Estado. Finalmente, em 2009, as diversas perspectivas do Bem Viver foram integradas na nova Constituição Política do Estado Plurinacional da Bolívia, reconhecendo as múltiplas visões do Bem Viver.

O Estado assume e promove como princípios ético-morais da sociedade plural: ama qhilla, ama llulla, ama suwa (não seja pregui-

çoso, não seja mentiroso nem ladrão), suma qamaña (Bom Viver), ñandereko (vida harmoniosa), teko kavi (vida boa), ivi maraei (terra sem males) e qhapaj ñan (caminho ou vida nobre) (BOLÍVIA, 2009, Art. 8-I).

De acordo com Heredia, esse percurso, que abrange manifestos filosóficos, definições conceituais, leis e políticas públicas, representa um novo paradigma de desenvolvimento enraizado nas visões de vida, conhecimento e cosmovisão dos povos indígenas do país. Isso proporcionou uma oportunidade histórica para os povos indígenas se integrarem na sociedade em conformidade com sua identidade e perspectiva de vida. Esse processo implicou a refundação do país como um Estado unitário plurinacional com o Bem Viver como horizonte civilizatório, reconhecendo a pré-existência das nações e povos indígenas originários e camponeses, bem como suas autonomias e direitos na Assembleia Legislativa Plurinacional (Heredia, 2017, p. 7-12).

Na mesma linha, Xavier Albó, SJ, diz que:

Refundar o país como um Estado unitário plurinacional comunitário, tendo o Bem Viver como horizonte civilizatório, implica no reconhecimento constitucional da preexistência das nações e povos indígenas originários camponeses e de seus territórios ancestrais, da autodeterminação e das autonomias indígenas, da participação das nações e povos indígenas originários camponeses em todos os níveis de governo e principalmente na formação da Assembleia Legislativa Plurinacional com um representante de cada nação e povo, eleitos, nomeados ou designados diretamente de acordo com suas próprias normas. Reconhece-se a propriedade dos recursos naturais renováveis em favor das nações e povos indígenas originários camponeses, bem como os royalties e benefícios [regalias e utilidades] da exploração dos recursos naturais não renováveis em seus territórios. São respeitados o pluralismo jurídico, cultural, político e linguístico, a democracia comunitária e os direitos coletivos dos povos indígenas (Albó, 2014, p.12).

No entanto, é crucial destacar que o significado do Bem Viver possui uma base intercultural, abrangendo várias perspectivas. Não se trata de uma única e inequívoca visão, mas de diversos “bons viveres”:

É importante destacar que não existe uma única e inequívoco Bom Viver, mas sim diversos “bons viveres” (plural). Destacar esta diversidade pode ajudar a ampliar o conceito e, em particular, as diferentes percepções que existem, dentro e fora das comunidades, sobre o Bom Viver (Albó, 2015, p.84).

Isso ressalta a diversidade de percepções tanto dentro como fora das comunidades sobre o Bem Viver. Agora, após revisar a história que levou à Constituição, exploraremos a visão do *Suma Qamaña*, que foi pioneira no desenvolvimento desta perspectiva e influenciou outras visões indígenas, como o *Sumaj Kausay* no Equador e o *Teko Kavi* do povo guarani, entre outras.

3.2 SUMA QAMAÑA COMO BEM-CONVIVER

O *Suma Qamaña*, traduzido como “Bem Viver”, é uma reflexão desenvolvida pelos aymaras Simon Yampara e Javier Medina, que teve um impacto significativo em pesquisadores subsequentes, como Albó, Gudinas, Tortosa, Soussa, e muitos outros. O que chamou a atenção foi a amplitude intercultural do *Suma Qamaña*, que implica uma coexistência com tudo, incluindo uma relação com a natureza e o meio ambiente. Em outras palavras, trata-se de conviver harmoniosamente.

Analizando alguns dos elementos convergentes, podemos falar de uma convivência harmoniosa com os outros, desde a família até os governos, entre sociedades e culturas, com a Mãe Terra (e, em geral, a Natureza, considerada como o lar da grande vida). Além disso, acrescenta-se a convivência consigo mesmo (equilíbrio interno) e com tudo o que dá sentido à nossa existência (cosmovisão e espiritualidades). O objetivo não é acumular cada vez mais, mas sim ser e conviver com todos, respeitando e aprendendo com a nossa diversidade mútua (Albó, 2013, p. 1).

Contudo, para compreender melhor essa visão, é fundamental destacar que o *Suma Qamaña* tem uma base intercultural e, portanto, não se limita a uma única perspectiva. Portanto, é importante ressaltar que quando se fala em Bem Viver, não se enfatiza apenas uma única visão de vida, mas se coloca a ênfase em saber conviver com todos. Embora na Constituição o *Suma Qamaña* tenha sido traduzido como “Bem Viver”, para Albó, um linguista e antropólogo dedicado aos povos indígenas na Bolívia, uma definição mais adequada seria “Bem-Conviver”, pois abrange uma visão ampla da convivência cósmica. O termo *Suma Qamaña* significa:

habitar, viver (em um local específico ou meio), morar, radicar e implica viver com outros, incluindo a convivência com a natureza, a Mãe Terra ou Pacha Mama. Como os linguistas explicam, a raiz conceitual é qama-, e vários sufixos adicionam novos matizes, como -ña, que o torna um verbo (Albó, 2009, p. 134).

Com base nesses significados, pode-se dizer que o *Suma Qamaña* implica acessar e desfrutar dos bens materiais em harmonia com a natureza e as pessoas. É uma dimensão humana da relação afetiva e espiritual, que considera que as pessoas não vivem isoladas, mas

em famílias e em um ambiente social e natural. “Não é possível viver bem se outros vivem mal, ou se a natureza é destruída” (Albó, 2010, p. 136).

A declaração final de Albó ressalta que o Bem-Conviver implica cuidar profundamente do bem-estar dos outros, o que inclui a natureza. Nesse contexto, a noção de Bem Viver não deve ser interpretada como uma busca por uma qualidade de vida superior à dos outros, mas sim como uma convivência harmoniosa e interativa com os outros, incluindo a natureza e demais níveis de relacionamento. Então, vamos aprofundar a relação do Bem-Conviver com a Terra.

3.3 SUMA QAMAÑA EM RELAÇÃO COM A NATUREZA

Para as comunidades aymaras, a terra, conhecida como *Pachamama* ou Mãe Terra, é considerada sagrada e é uma fonte de vida que sustenta os povos andinos. De acordo com Albó (2010), em muitos rituais, a terra é reverenciada e oferendas são feitas como forma de agradecimento pela abundância que ela proporciona. Essa prática é baseada na reciprocidade e no reconhecimento da profunda conexão entre os seres humanos e a natureza. Os aymaras, assim como outros povos andinos, acreditam que a terra é uma entidade viva, com sua própria espiritualidade e energia.

Durante cerimônias e festividades, os aymaras realizam rituais como a *K'hoa*, nos quais oferecem alimentos, bebidas, folhas de coca e outros objetos à Pachamama como uma maneira de estabelecer uma conexão espiritual e expressar sua gratidão. Como veremos mais adiante, esses rituais também buscam a proteção da terra e sua benevolência.

A relação dos povos andinos com a terra também se reflete em sua cosmovisão e na organização de suas comunidades e atividades agrícolas. A terra é vista como um elemento fundamental na vida cotidiana e seu uso segue princípios de sustentabilidade e respeito à natureza.

Nas práticas agrícolas dos povos andinos, a preservação da fertilidade do solo e o equilíbrio ecológico são garantidos por meio de práticas de descanso da terra. Esses sistemas envolvem a alternância entre áreas de cultivo ativo e áreas de repouso, onde nenhuma atividade agrícola é realizada por um determinado período. Essas terras em repouso permitem que o solo se regenere naturalmente, repondo nutrientes e promovendo a recuperação da biodiversidade local. Além disso, os agricultores utilizam técnicas de rotação de culturas, alternando diferentes tipos de cultivo de acordo com o ciclo natural das estações. Durante o período de descanso da terra, são empregadas práticas de conservação do solo, como a aplicação de adubos naturais e a construção de terraços agrícolas. Esses métodos, que refletem um profundo conhecimento da relação entre os seres humanos e o ambiente, são essenciais para a sustentabilidade das práticas agrícolas e a manutenção dos sistemas agrícolas tradicionais ao longo das gerações.

Portanto, para os aymaras e outros povos andinos, a terra é mais do que apenas um recurso natural; ela é um ser sagrado, uma fonte de vida e uma conexão espiritual que influencia todas as áreas de sua cultura, religião e modo de vida. Graças às visões de convivência harmoniosa dos povos originários da Bolívia, expressas na Cúpula Ecológica de 2010 em Tiquipaya, Cochabamba, e reafirmadas em 2012, em que os Direitos da Mãe Terra foram publicados, afirma-se que a Mãe Terra é um sistema vivo dinâmico composto pela comunidade indivisível de todos os sistemas de vida e seres vivos. Essa visão é compartilhada pelas nações e povos indígenas camponeses nativos.

A Mãe Terra é o sistema vivo dinâmico composto pela comunidade indivisível de todos os sistemas de vida e seres vivos, inter-relacionados, interdependentes e complementares, que compartilham um destino comum. A Mãe Terra é considerada sagrada, a partir das visões de mundo das nações e povos indígenas camponeses nativos (BOLÍVIA, 2010, Art. 3).

As visões indígenas originárias têm uma profunda relação com a terra, considerando-a como uma Mãe. Essa perspectiva levou o Estado Boliviano a reconhecer os Direitos da Mãe Terra. Nesse contexto, o Bem Conviver destaca a interconexão e interdependência entre os seres humanos e a natureza, como nos rituais *apthapi*, *ch'alla* ou *k'hoa*. O *apthapi* é uma celebração comunitária onde as pessoas compartilham alimentos, geralmente em um ambiente ao ar livre. É um ato de partilha e reciprocidade, onde os membros da comunidade trazem diferentes pratos e iguarias para compartilhar com os outros. Esse ritual simboliza a importância da coexistência harmoniosa entre as pessoas e a necessidade de cuidar uns dos outros. A *ch'alla*, por sua vez, é um ritual de oferenda à Pachamama, a Mãe Terra. Durante este ritual, são feitas oferendas de alimentos, bebidas, folhas de coca e outros objetos sagrados. Esse ato é uma expressão de gratidão à terra pela abundância que fornece e um pedido de proteção e benevolência. A *ch'alla* é realizada em diferentes contextos, como o início de uma nova temporada de plantio ou a colheita de cultivos. Por último, a *k'hoa* é um ritual que envolve a oferenda de alimentos, bebidas e objetos à natureza, como rios, lagos e montanhas. É uma prática que reforça a relação espiritual e a reciprocidade com os elementos naturais. Os rituais do *apthapi*, *ch'alla* e *k'hoa* refletem a cosmovisão dos povos andinos, ressaltando a interdependência entre os seres humanos, a natureza e o mundo espiritual, além de promover uma atitude de respeito, gratidão e harmonia com o ambiente que os cerca.

Estes rituais demonstram a intimidade com a terra e a comunidade, promovendo a reciprocidade entre as pessoas e os frutos da terra e mantendo sempre uma atitude de gratidão, pois a Mãe Terra, a Pachamama, os acolhe como filhos. Essa relação com a terra nos ensina que é crucial respeitar e proteger o meio ambiente, reconhecendo que somos parte integrante da natureza, não seus donos, mas seus filhos.

Em suma, o *Suma Qamaña* valorizar os conceitos de “conviver bem” com todos e isto implica adotar uma abordagem holística, respeitosa e sustentável em relação à natureza, à

comunidade e à vida como um todo. Esses princípios podem oferecer valiosas lições e inspirações para enfrentar os desafios ambientais e sociais de sociedades em todo o mundo.

CONCLUSÃO

A visão do *Suma Qamaña* ou Bem-Conviver do povo aymara nos proporciona uma profunda lição sobre a importância de estabelecer uma harmonia intrínseca entre os seres humanos, a natureza e o cosmos. Essa perspectiva ressoa nas bases da ecologia integral, que busca entender e promover a interdependência e a harmonia dos sistemas naturais. A ênfase na sustentabilidade, na valorização dos recursos naturais e no cuidado com a Terra se alinha com os princípios ecológicos que pregam a responsabilidade de cuidar do ambiente para garantir sua viabilidade a longo prazo. Através dos rituais, como o apthapi, a ch'alla e o k'hoa, os povos andinos expressam sua gratidão e reverência pela natureza, práticas que estão sintonizadas com a ecoteologia, que defende a conexão espiritual entre os seres humanos e a natureza, bem como a responsabilidade de cuidar da criação.

Essa abordagem holística, entrelaçando cosmovisão e espiritualidade, ressoa com a ecoteologia e sua exploração das dimensões éticas e espirituais da relação entre os seres humanos, a natureza e Deus. Em última análise, a visão do Bem-Conviver nos convida a refletir sobre a justiça socioambiental, equidade e igualdade, valores compartilhados tanto na ecologia quanto na ecoteologia, enfatizando a importância de tratar todas as formas de vida com respeito e consideração. Além disso, a noção de descanso da terra nos incita a considerar a importância de nosso próprio descanso e reflexão, uma conexão que se tornou particularmente relevante no contexto da pandemia de covid-19. Assim como a terra exige períodos de renovação, nós, como sociedade, somos desafiados a reconsiderar nossos padrões de atividade e a valorizar o equilíbrio entre nossas ações e nossa regeneração.

Em última análise, essa visão do Bem-Conviver reforça a interconexão profunda entre os seres humanos, a natureza e o cosmos, alinhando-se harmoniosamente com os princípios fundamentais da ecologia e da ecoteologia. Ela nos inspira a abraçar uma compreensão mais ampla e responsável de nosso papel no mundo e a trabalhar em prol de um futuro mais saudável e harmonioso para todos.

REFERÊNCIAS

- ALBÓ, X. *Suma Qamaña = el buen convivir*. 2009. Disponível em: https://sumakkawsay.files.wordpress.com/2009/06/albo_sumaqamana.pdf Acesso em: 21/10/2022.
- ALBÓ, X. *Suma Qamaña = convivir bien. ¿cómo medirlo?* In: *Vivir Bien: ¿paradigma no capitalista?*. La Paz – Bolivia: Sapiencia, 2010. p. 133-145.
- ALBÓ, X. “*Vivir Bien*” *Como Inspiración Para Otro «Desarrollo» Posible*. Sucre: CIPCA, 2013.
- ALBÓ, X. *Suma Qamaña ‘Vivir Bien’ Y Mas Allá. Pistas hacia otro mundo posible y deseable*. Inédito. Ponencia para o Foro Pan Amazónico de Macapá - AP, 2014.

ALBÓ, X. *Suma Qamaña 'Vivir Bien' Y Mas Allá. Pistas Hacia Otro Mundo Posible Y Deseable*. La Paz - Bolivia: CIPCA, 2015.

BOFF, L., *Ecologia: Grito da Terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

BOLÍVIA, Estado Plurinacional. *Constitución Política del Estado*. Gaceta oficial del Estado Plurinacional de Bolivia, setembro 25, 2009.

BOLÍVIA, Estado Plurinacional. *Ley 71 de Derechos de la Madre Tierra*. Gaceta oficial del Estado Plurinacional de Bolivia, dezembro 05, 2010.

GUATTARI, F. As três Ecologias. 11. Ed. 2001. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5290521/mod_resource/content/1/guattari-as-tres-ecologias.pdf. Acesso em: 10/08/2023.

HEREDIA, F. El vivir bien en el Estado Plurinacional de Bolivia. In: *Teko Kavi, El Vivir Bien del Pueblo Guaraní*. La Paz: CIPCA, 2017. p. 13-28.

MURAD, A. Ecologia Integral Na Laudato Si - Caminhos Abertos. In: RODRIGUEZ, Hernan, SJ (Compilador). *Interpelaciones del Papa Francisco a la Teología Hoy*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2017. p. 165-175.

MURAD, A. Da ecologia à ecoteologia. Uma visão panorâmica. *Fronteiras - Revista de Teologia da UNICAP*, Recife, v.2, n.01, p. 65-97, 2019-06-26. Disponível em: <https://doi.org/10.25247/2595-3788.2019.v2n1.p65-97>. Acesso em: 12/08/2023.

MURAD, A. 2ª janela, a ecologia é importante para nós? Em: *Janelas abertas*. Fé e ecologia integral. pp. 59-79. São Paulo, Paulinas, 2022.

MURAD, A. 4ª Janela, Ecologia integral: uma visão panorâmica. Em: *Janelas abertas*. Fé e ecologia integral. pp. 107-129. São Paulo, Paulinas, 2022.

MURAD, A. 7ª janela, Ecoteologia. Por que e para que? Em: *Janelas abertas*. Fé e ecologia integral. pp. 169-189 São Paulo, Paulinas, 2022.

NAÇÕES UNIDAS. *Declaración de las Naciones Unidas sobre los Derechos de los Pueblos Indígenas*, 2007 Lima: OIT/Oficina Regional para América Latina y el Caribe.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). *Convenio Núm. 169 sobre Pueblos Indígenas y Tribales*, 2014. Lima: OIT/Oficina Regional para América Latina y el Caribe.

PAPA FRANCISCO. *Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.

SICHRA, I. *Atlas sociolingüístico de pueblos indígenas en América Latina*. Cochabamba, Bolivia: FUNPROEIB Andes, 2009.